



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

O DISCURSO IDEOLÓGICO NAS MANIFESTAÇÕES ANTIPT E PRÓ-PT: A LEITURA COMO FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA REFLEXIVA DO ALUNO

Paula Fontes Lustosa¹

Andreza de Oliveira²

Resumo: Levando em consideração os acontecimentos contemporâneos ocorridos no cenário político brasileiro, discutiremos a importância de práticas discursivas dialógicas que reconheçam o signo como um produto ideológico. O reconhecimento da cor vermelha e verde-amarela nas manifestações PT e antiPTs, ocorridas no mês de março de 2016, como reflexo de postura e visões ideológicas, será o ponto de partida para propor atividades que entendam a língua como discurso, vinculada a fatores sócio-histórico-ideológicos que a norteiam (ORLANDI, 2012). O conceito do signo como um produto ideológico (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV [1929], que dialoga com as condições sócio-históricas de uma dada sociedade, pode ajudar a formar cidadãos mais participativos e críticos, possíveis transformadores da ordem política, econômica e social injusta (FREIRE, 2013).

Palavras-chave: Signo ideológico; leitura; consciência reflexiva.

Abstract: Taking into account the contemporary events in the Brazilian political scene, we will discuss the importance of dialogic discursive practices that recognize the sign as an ideological product. Recognition of red and yellow-green color in PT demonstrations and antiPTs, occurred in March 2016, as posture reflection and ideological views, will be the starting point to propose activities to understand the language as discourse, linked to social factors -Historic - ideological that guide (ORLANDI, 2012). The concept of the sign as an ideological product (Bakhtin, Volochinov [1929]), which speaks to the socio-historical conditions of a given society, can help form more participative and critical citizens, potential transformers of political, economic and unjust social (FREIRE, 2013).

Keywords: Ideological sign; Reading; Reflective consciousness.

Introdução: informações gerais

Nossa experiência como professoras de instituições públicas e o nosso contato com profissionais da área fazem-nos perceber que o ensino de língua materna, infelizmente, ainda

¹ Mestranda do PROFLETRAS-UERJ/FFP

² Mestranda do PROFLETRAS-UERJ/FFP



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

tem se resumido a uma abordagem que se preocupa apenas em explicitar conceitos gramaticais, sem oferecer a oportunidade crítica e de reflexão das unidades linguísticas dentro de um contexto sócio-histórico-ideológico. Dessa forma, consideramos relevante desenvolver as habilidades de leitura e escrita do aluno como forma de exercício da cidadania dentro de um viés de educação transformadora (FREIRE, 2013), possibilitando-lhe, para isso, uma reflexão e (des)construção dos sentidos das produções discursivas presentes na esfera jornalística brasileira, especificamente nas manchetes sobre as manifestações a favor ou contra o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Dentro dessa perspectiva, torna-se importante desenvolver a criticidade do aluno no processo de leitura, de forma contextualizada com as questões sócio-histórico-ideológicas em que as produções discursivas são construídas, a fim de promover uma postura ativa no curso das relações sociais e oferecer sempre meios de desenvolver a consciência reflexiva do indivíduo. Afinal, “a consciência só se torna consciência quando se impregnam de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 34)

Pensando na importância de criar gestos de leitura articulados à interdiscursividade e compreendendo que a linguagem se produz nas diversas práticas sociais, sendo ela o próprio espaço de interação humana, de constituição mútua de sentidos e sujeitos, “de encontros, desencontros e confrontos de posições” (GERALDI, 1997, p. 5), partimos da aplicação do conceito de signo ideológico de Bakhtin, neste trabalho, para contribuir para a formação reflexiva do aprendiz a partir da leitura. Sendo assim, tal contribuição teórica é de suma importância para a análise do discurso ideológico presente em diversas esferas sociais e, prioritariamente, neste trabalho, o objetivo é abordá-lo dentro da realidade política contemporânea brasileira, no ano de 2016, especificamente nas manifestações pró-PT e antiPT.

Dentro desse viés de leitura e produção discursiva como ponto de partida para a (des) construção dos sentidos a partir do signo ideológico, propomos que esta proposta pedagógica esteja vinculada aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Francesa (doravante AD). Tal campo teórico contribui para compreendermos que o sentido da palavra não existe em si mesmo, ele é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

histórico-ideológico em que ela foi produzida. Dessa forma, toda formação discursiva está vinculada a uma ideologia, isto é, sujeito, sentido, ideologia e linguagem são indissociáveis.

O verde-amarelo e o vermelho são signos ideológicos e materializam uma dada ideologia nas manchetes abordadas neste trabalho. Dessa maneira, as manchetes servirão de *corpus* para a construção de uma proposta pedagógica que possibilite os discentes construir seu próprio sentido e se tornarem, concomitantemente ou consequentemente, um participante ativo em todas as situações comunicativas nas quais se encontram (encontrar-se-ão) inseridos.

O interdiscurso presente nas cores verde-amarelo e vermelho determina uma dada formação discursiva e compreendê-lo é considerar que a nossa memória discursiva foi constituída no curso das relações sociais e, de uma forma ou de outra, estamos sempre interpelados pela ideologia. Dessa maneira, propomos que as práticas de leitura na escola contribuam para o reconhecimento das palavras dentro de um contexto sócio-histórico-ideológico a fim de perceber que “a maneira como nos inscrevemos na língua e na história” podem determinar a (des)construção de sentido dos signos, “é por isto que significam e não pela nossa vontade”. (ORLANDI, 2012, p. 35)

Dessa forma, reconhece-se que as cores vermelho e verde-amarelo são um reflexo de postura e visões ideológicas de uma sociedade, e servem, aqui, como ponto de partida para a compreensão da língua como discurso, vinculada aos fatores sócio-histórico-ideológicos que a norteiam. Podemos compreender que tais signos dialogam com as condições históricas da sociedade brasileira e a leitura do discurso ideológico presente neles, dentro da sala de aula, trabalham o princípio dialógico da linguagem que consiste em desenvolver a postura ativamente responsiva por parte dos interlocutores envolvidos nesse processo de interação. Para isso, portanto, o professor precisa assumir uma postura de ensino ético-crítico-política da educação, promovendo, assim, práticas pedagógicas que possibilitem a construção de possíveis transformadores da ordem política, econômica, social injusta. (PAULO FREIRE, 2013).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Pressupostos Teóricos

A palavra, a palavra viva, indissociável do convívio dialógico, por sua natureza quer ser ouvida e respondida. Por sua natureza dialógica, ela pressupõe também a última instância dialógica. Receber a palavra, ser ouvido. É inadmissível a solução *à revelia*. Minha palavra permanece no diálogo contínuo, no qual ela será ouvida, respondida e reapreciada.

(BAKHTIN, 2011 [1979], p.356)

O dialogismo é o princípio inerente à linguagem, que é o próprio lugar de interação social, tendo como princípio fundamental a relação de sentidos entre enunciados ditos por diferentes interlocutores, em diferentes situações comunicativas, independentemente da congruência ou divergência de opiniões ocorridas no processo de comunicação. As relações dialógicas não existem somente dentro das réplicas do enunciado, pois, por exemplo:

dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem um sobre o outro, no confronto de sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos (ainda que seja uma identidade particular do tema, do ponto de vista, etc) (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 331).

A compreensão de um enunciado gera sempre uma *compreensão responsiva* do falante, que é a possibilidade de rejeitar ou de responder a um enunciado lido ou ouvido, já que “a compreensão do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 332). Nessa direção, dentro dessa concepção bakhtiniana, o que é preciso compreender, principalmente como docente da linguagem, é que todo enunciado é pleno de respostas, independente de concordância e discordância entre os interlocutores do processo de comunicação, um enunciado sempre é uma resposta a outros enunciados ditos anteriormente. Dessa forma, pensar em atividades dentro de um viés dialógico é uma forma de possibilitar aos discentes uma postura ativa nas atividades comunicativas das quais eles participam.

Nesse sentido, a interlocução é o espaço onde se constrói mutuamente os sujeitos e a sua visão de mundo. A partir do processo interlocutivo, emitimos a nossa opinião, contamos e fazemos história, podemos agir socialmente e temos a oportunidade de desenvolver cada vez mais a nossa postura ativamente responsiva. Dessa maneira, a partir de uma prática de ensino que tenha a linguagem como ponto de partida e chegada (GERALDI, 2003), podemos dar a



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

oportunidade de os aprendizes emitirem uma resposta a um enunciado que leem/ouvem, independentemente de concordar, discordar ou silenciar-se diante de dada uma produção discursiva.

Portanto, assim como aponta a epígrafe, negar a responsividade a um indivíduo é tirá-lo a oportunidade de fazer com que sua palavra permeie as relações sociais das quais interage no cotidiano. Tal prática é incompatível com os princípios da educação nacional, que “inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (LDB, 1996).

Nesse contexto, nossa proposta pedagógica concebe a reflexão dos alunos como importante fim de ensino da língua materna, mais do que isso, propõe tentar fazê-los (re)conhecer o seu papel na sociedade em que vive, levando em conta, sempre, “suas relações com o mundo”, “relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Afinal, não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa” (FREIRE, 2013, p.98).

O ensino de língua materna como prática da liberdade repudia qualquer prática da dominação, “implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 2013, p.98). Assim, inserir o aluno numa prática pedagógica, dentro do viés postulado por Paulo Freire, é desenvolver gestos de leitura mais contextualizados aos acontecimentos históricos da sociedade brasileira contemporânea e articulá-los à interdiscursividade, que é a condição de existência do próprio discurso, possibilitando ao aluno (re) construir seus próprios sentidos, sua própria consciência reflexiva no curso das interações verbais.

Dessa forma, o ponto de partida norteador da leitura do discurso ideológico presente nas cores verde-amarelo e vermelho presentes nas manchetes jornalísticas, que serão apresentadas em nossa proposta pedagógica, se pauta na concepção de educação como possibilidade de emancipação social dos discentes em relação a uma cultura dominante.

Nesse sentido, almejamos promover um processo de leitura significativo para o aluno, compreendendo que a língua está ligada aos campos vários das práticas sociais e, para isso, partimos do conceito de signo ideológico de Bakhtin. O verde-amarelo e o vermelho nas manchetes que serão apresentadas neste trabalho são entendidos como signos ideológicos e



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

refletem dois posicionamentos distintos em relação à realidade política contemporânea brasileira. O primeiro signo retrata um movimento social a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, o segundo retrata uma postura em prol da permanência do governo petista.

O Brasil passa por uma fase marcada por uma intensa polarização política. Parte dos brasileiros grita “Fora, Dilma”, outros esbravejam “Não ao golpe”. Sendo assim, pode-se perceber que o vermelho e o verde-amarelo não significam somente uma cor em si mesma, mas são signos ideológicos. Isso significa dizer que tais cores retratam uma realidade, um sentido que só podem ser construídos dentro do contexto sócio-histórico-ideológico brasileiro. Afinal, “cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade”. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 33). Portanto, os signos ideológicos não são só palavras representadas pela linguagem verbal, pois, de acordo com Bakhtin e Volochínov:

Qualquer produto de consumo, pode, da mesma forma, ser transformado em signo ideológico. O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão. Mas o produto de consumo, enquanto tal, não é, de maneira alguma, um signo. (2014 [1929], p.32).

Nesse sentido, todo produto, símbolo, objeto e cor são neutros quando não estão associados a nenhum conteúdo exterior. Porém, pode se tornar um signo ideológico, no momento em que passa a retratar uma realidade.

Um signo ideológico está sempre relacionado aos dados contextuais, implícita ou explicitamente, o qual não tem o significado na própria palavra em si e, sim, na relação com outros discursos, a um já dito anteriormente. Assim, é preciso levar em consideração as *relações interdiscursivas* presentes nos signos verde-amarelo e vermelho a fim de que as palavras, sempre, façam sentido e sejam (re) construídas pela “maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade”. (ORLANDI, 2012, p. 35)

De acordo com Bakhtin/Volochínov (2014 [1929]), o pão é uma metáfora para representar a diferença entre a palavra e o signo ideológico. A comparação implícita feita pelos autores russos apresenta o pão como produto de consumo somente, ou seja,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

descontextualizado de qualquer situação sociocultural. Analisado como produto de consumo apenas, ele não é considerado um signo ideológico é, apenas, uma palavra com um fim em si mesma. Depois, o pão é apresentado como um símbolo religioso, no sacramento cristão da comunhão, isto é, como um signo ideológico que retrata o corpo de Cristo. Sendo assim, apontam que os “estudos sobre conhecimento científico, a literatura, a religião, a moral, etc. estão estreitamente ligados aos problemas de filosofia da linguagem”. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 31)

Nessa perspectiva, para reconhecer a importância do signo ideológico para o desenvolvimento das práticas discursivas da sala de aula, primeiramente, é importante compreender que a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica, ou seja, ela pode funcionar sem expressão externa. Um tipo de abordagem transmissiva em torno do ensino da língua, aborda um método de percepção da palavra destituída de qualquer valor ideológico, o que não colabora para a autonomia da liberdade de expressão do aluno. Sendo assim, é preciso pensar em um ensino da língua que leve em consideração as palavras como signo ideológico, no entanto, “é claro que esse problema não pode ser abordado corretamente se se recorre aos conceitos usuais de palavra e de língua tais como foram definidos pela linguística e filosofia da linguagem não-sociológica”. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 37)

Devemos, então, conceber o ensino da Língua Portuguesa à luz da linguagem como interação social a fim de contribuir para a formação da consciência reflexiva e libertadora da condição de um aluno oprimido pelo discurso dominante. Considerando que “A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente num processo de interação social [...]”. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 34).

A consciência individual é formada a partir da interação entre os interlocutores de uma situação comunicativa. A consciência não é formada subjetivamente, ao contrário, “ela só pode ser explicada a partir do meio ideológico e social. *A consciência individual é um fato sociodelógico*”, isto é, “a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais”. (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 35/36). Dentro desse viés, portanto, é preciso compreender as cores verde-amarelo e



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

vermelho como representantes da forte polarização política que a nossa sociedade está vivendo e que os gestos de leitura são construídos pela memória discursiva (interdiscurso) que adquirimos ao longo do curso das relações sociais.

O interdiscurso considera que “todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos” (MAINGUENEAU, CHAURADEAU, 2004, p. 286). Dentro da concepção da análise do discurso francesa, o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, ele é determinado pelas posições em jogo no processo sócio-histórico-ideológico em que ela foi produzida.

Compreender o interdiscurso é considerar que a nossa memória discursiva foi construída no curso das nossas relações sociais e que estamos sempre interpelados pela ideologia. Dessa forma, “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2012, p. 33), é o pré-construído em nossas memórias, nas nossas experiências, e não temos como recuperar textualmente, não podemos saber quando foi construído.

Sob a perspectiva da análise do discurso francesa, os dizeres não são só palavras a serem decodificadas, são:

efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que não é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (ORLANDI, 1999, p. 30).

Assim, para refletir sobre o discurso ideológico presente nas cores verde-amarelo e vermelho presentes nas manchetes jornalísticas apresentadas a seguir, e (re)construir o sentido que ali está dito ou não dito, é preciso observar as condições de produção e verificar o funcionamento da memória, remeter o dizer das cores a um determinado grupo social, filosófico, cultural, etc. Afinal, “enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2012, p. 48).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Dessa forma, o discurso ideológico presente nos signos verde-amarelo e vermelho só podem (re)construir sentidos e colaborar para a construção de participantes ativos nos processos de interlocução, se criarmos gestos de leitura e interpretação que permitam ao aluno relacionar a sua memória discursiva às condições de produção em sentido restrito e amplo dos textos das manchetes que serão abordados neste trabalho. Isso inclui o contexto sócio-histórico- ideológico que envolve os signos vermelho e verde-amarelo.

Nesse sentido, é preciso considerar o contexto sócio-histórico-ideológico imediato, amplo e histórico que envolve as produções jornalísticas que abordam as manifestações antipt e pró-pt ocorridas em 2016, no Brasil, tais como: a relação da cor vermelha com o partido político da presidente Dilma Rousseff, a classe social, o gênero e a escolaridade predominantes no grupo que veste a cor vermelha e no que veste a cor verde-amarelo, a situação socioeconômica que os brasileiros estão vivendo e como essas cores podem afetar as suas posições políticas.

É nessa perspectiva, que consideramos importante conceber a relação entre o interdiscurso e o signo ideológico para a produção de propostas dialógicas para uma educação transformadora. Assim, para possibilitar os alunos a possibilidade de (re)construção de sentidos a partir dos signos ideológicos verde-amarelo e vermelho, é relevante perceber que o sujeito é interpelado pela ideologia e que :

a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensadas em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2012, p. 31).

Nesse contexto, reconhece-se que o discurso é uma voz internamente persuasiva. Quanto mais a consciência for formada por discursos abusivos, de autoridade, mais dominadas serão as consciências. A experiência discursiva abre caminhos para a construção de uma consciência reflexiva, objetivo final deste trabalho. Afinal, a consciência é ideológica e é formada ao longo dos discursos que adquirimos ao longo da vida e, por isso, é



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

fundamental fomentar práticas de leitura dialógicas que abordem as relações interdiscursivas presentes nos textos, contextualizando-os sempre à situação sócio-histórico-ideológica.

Portanto, no âmbito do ensino de Língua Portuguesa, ao adotar-se a concepção da linguagem como forma e processo de interação, partindo da articulação entre os estudos do círculo de Bakhtin e o conceito de interdiscurso desenvolvido pela AD, faz-se necessário reconhecer a língua como discurso, interação e prática sócio-histórica, deslocando e (re) orientando a visão sobre o processo de aprendizagem. O espaço da sala de aula deve destinar-se mais ao confronto e a (re) elaboração dos discursos produzidos e circulados na sociedade como um todo, do que se voltar para um mero trabalho que permita apenas a abordagem da palavra em exercícios metalinguísticos.

Proposta de Atividade

O material selecionado está conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, pois toma o gênero discursivo, neste caso notícias³, como objeto de ensino para as aulas de língua portuguesa. Sua escolha se deu pela particularidade dos gêneros jornalísticos de exercerem papel fundamental na socialização de um indivíduo devido a sua comunicação para as massas. As notícias escolhidas circularam no Brasil durante o mês de março de 2016, no qual houve manifestações populares com posições políticas dicotômicas, algumas com um público a favor de um possível processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e outras com pessoas contra tal processo. O nosso objeto de análise é a representação das cores que marcaram tais movimentos populares. Refletir, polemizar e discutir como as cores verde-amarelo e vermelho são signos ideológicos que representam a polarização política atual do Brasil. Com isso, o objetivo é propiciar ao aluno gestos de leitura mais contextualizados aos acontecimentos históricos da sociedade brasileira contemporânea e articulá-los à interdiscursividade, que é a condição de existência do próprio discurso, possibilitando ao discente (re)construir seus próprios sentidos, sua própria consciência reflexiva, no curso das interações verbais.

Ano de escolaridade: 9º ano do Ensino Fundamental/ 1º ano do Ensino Médio

³ Ressaltamos que neste artigo só serão analisadas e recortadas as manchetes das notícias escolhidas para a construção da proposta de atividade, mas que na aplicação, em sala de aula, as notícias devem ser contempladas em seu todo constitutivo. Só colocamos as manchetes, devido a extensão permitida para este trabalho.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Assunto: A leitura como processo de re(construção) de sentidos.

1ª etapa: leitura e análise de notícias jornalísticas

- Contextualizar com os alunos o momento político brasileiro, enfatizando os acontecimentos do mês de março de 2016;
- Conceituar o gênero notícia;
- Apresentar aos alunos quatro notícias selecionadas previamente.

UOL notícias Política

ÚLTIMAS • SEU ESTADO • CIÊNCIA E SAÚDE • ECONOMIA • INTERNACIONAL • JORNAIS • OPINIÃO

Verde e amarelo ou vermelho? País se divide em atos pelas ruas

Do UOL, em São Paulo 18/03/2016 | 23h45

f t p in e Ouvir texto Imprimir Comunicar erro



/ BRASIL

Na Paulista pintada de vermelho, Lula veste a fantasia do 'Lulinha paz e amor'

Para plateia de militantes e sindicalistas, ex-presidente se queixa do 'ódio' contra o PT e não fala da corrupção que soterra o partido

Por: Luiz Felipe Castro e Mariana Oliveira 18/03/2016 às 16:59 - Atualizado em 18/03/2016 às 22:11



1 Manifestantes pró-governo se concentram no vão livre do MASP na avenida Paulista em São Paulo, durante ato a favor da presidente Dilma nesta sexta-feira (18) (Foto: Ricardo Matsukawa/VEJA.com)

18/03/2016 16:59 - Atualizado em 18/03/2016 às 22:11

BRASIL

O dia em que o vermelho foi hostilizado pelo verde e amarelo

Os discursos e demandas variavam, mas o sentimento de repulsa ao vermelho do PT era quase unânime

Daniel Favero
Diretor de Porto Alegre

15 MAR 2015 20h02 atualizado em 16/3/2015 às 08h10

f t p in e 213 COMENTÁRIOS

Nem as expectativas mais otimistas acreditavam no número de pessoas que se viu nas ruas neste domingo em Porto Alegre. Durante as semanas, os organizadores trabalhavam com a hipótese de que de 10 mil a 15 mil compareceriam, mas os números oficiais da polícia militar apontaram 100 mil manifestantes pedindo o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Contra o governo

Verde-amarelo, bom humor e diferentes gerações: como foi o protesto em São Paulo

Manifestação contra o governo Dilma reuniu 1,4 milhão de pessoas, segundo a Polícia Militar, na Avenida Paulista neste domingo

Por: Carlos Rollins
13/03/2016 - 21h29min | Atualizado em 13/03/2016 - 22h15min

Compartilhar f t p in e



Avenida Paulista ficou lotada durante a tarde de domingo
Foto: Dario Oliveira / Estadão Conteúdo



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Após a leitura das notícias, perguntar aos alunos quais são os possíveis efeitos de sentido que podemos construir entre as cores verde-amarelo e vermelho e o cenário político brasileiro.

Dado o reconhecimento da linguagem como a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, é importante solicitar aos alunos que pesquisem, em grupo, a representatividade histórica da cor vermelha nos movimentos políticos e, concomitantemente, o motivo da cor vermelha ser representativa ao partido dos trabalhadores (PT) que é o da Presidente Dilma Rousseff.

Após a pesquisa, deverá ser feita uma reflexão sobre a dicotomia que estas cores, signos ideológicos, representam, destacando as posições políticas, sociais, econômicas e culturais dos manifestantes que optam por vestir verde-amarelo e os que optam por vestir vermelho. É importante que eles percebam que a cor verde-amarelo e, principalmente, a vermelha, refere-se a algo que já foi dito no curso das relações sociais, ou seja, que há uma memória discursiva e que as cores não foram escolhidas ao acaso.

Além disso, com este trabalho, é possível abordar alguns casos de Análise Linguística (doravante AL) nas aulas de Língua Portuguesa como, por exemplo, a substantivação dos adjetivos (o vermelho; o verde e amarelo) e a metonímia, como recurso expressivo da linguagem, usada, essencialmente, na segunda manchete. A AL situada no processo de ensino abre caminhos para a compreensão dos aspectos linguísticos e extralinguísticos dos textos circulados em gêneros discursivos. Para isso, ela deve permear os momentos de prática de leitura, escrita e reescrita textuais, promovendo a reflexão sobre os elementos linguísticos vinculados na interação autor-texto-leitor-contexto.

2ª etapa: atividade de estímulo ao posicionamento responsivo do aluno.

Apresentar aos alunos o texto abaixo que circulou nas redes sociais.





VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Pedir aos alunos que respondam e discutam sobre as seguintes questões:

1- Há uma postura política da cor vermelha nessa charge? A cor vermelha utilizada pelas personagens tem o mesmo sentido do vermelho das manchetes?

2- A cor vermelha usada pelas personagens nos remete a qual acontecimento político ocorrido no contexto brasileiro contemporâneo?

3- Relacione a linguagem não verbal da charge à linguagem verbal e ao contexto político brasileiro contemporâneo e diga quais possíveis efeitos de sentido podemos construir a partir do diálogo entre tais linguagens.

4- Explique, com suas palavras, para qual tipo de manifestação elas possivelmente estariam indo?

5- A partir desta charge e da sua memória discursiva, construa uma manchete que poderia estampar a capa de jornal, tendo como base a linguagem não verbal da charge.

6- Construa uma manchete em que alguma cor, por exemplo rosa, verde, preto, etc, faça referência a uma determinada postura política e social, isto é, em que a cor materialize uma visão de mundo concebida por um dado grupo social. Não se esqueça de produzir o seu texto articulando a linguagem verbal e não verbal a fim de produzir os efeitos de sentido pretendidos.

Considerações Finais

Portanto, ao reconhecer que a língua não é somente um meio de trocas linguísticas, mas também é um indicador das relações do indivíduo com o mundo, com as ideologias e com um período histórico, entendemos que o professor precisa indicar que o simbólico atua sobre o linguístico, fazendo com que a sala de aula seja o espaço de reflexão sobre a realidade.

Nesse sentido, as atividades propostas têm a funcionalidade de ajudar os alunos a co-construírem o sentido que não está somente no texto e, sim, na construção dialógica dada entre o leitor-autor-texto-contexto. Afinal, uma leitura eficiente não se limita à análise dos elementos linguísticos empregados apenas, mas também busca inferir o que está nas entrelinhas. Dessa forma, é preciso criar gestos de leitura que relacione aquilo que está sendo



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

lido a um já pré-construído existente na memória dos leitores, a fim de possibilitar a compreensão dos possíveis efeitos de sentido construídos em condições determinadas, relacionando-os sempre a contextos sócio-histórico-ideológicos nas quais as produções discursivas estão inseridas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011[1979].

BAKHTIN, Mikhail.; VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 54ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.